

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CURSO DE HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE DE LIMA COSTA

A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO EM MACHADINHO/RS- O TURISMO COMO  
UMA SEGUNDA VIA ECONÔMICA

ERECHIM

OUTUBRO, 2022

PEDRO HENRIQUE DE LIMA COSTA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO EM MACHADINHO RS- O TURISMO**  
**COMO UMA SEGUNDA VIA ECONÔMICA.**

Trabalho apresentado no curso de  
graduação em História da  
Universidade Federal da  
Fronteira Sul

Orientadora: Débora Clasen de  
Paula

ERECHIM  
OUTUBRO, 2022

## Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Costa, Pedro Henrique de Lima

A Ressignificação do Espaço na cidade de MachadinhoRS- o Turismo como segunda via econômica / Pedro Henrique de Lima Costa. -- 2022.

52 f.:il.

: Debora Clasen

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim,RS, 2022.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**PEDRO HENRIQUE DE LIMA COSTA**

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO EM MACHADINHO-RS: O TURISMO  
COMO UMA SEGUNDA VIA ECONÔMICA**

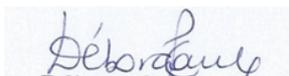
Trabalho de Conclusão de Curso de  
graduação apresentado como  
requisito para obtenção de  
grau de Licenciado em História da  
Universidade Federal da Fronteira  
Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 04/10/2022.

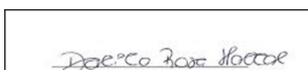
**BANCA EXAMINADORA**



**GÉRSON WASEN FRAGA**



**DÉBORA CLASEN DE PAULA**



**DALILA ROSA HALLAL**

## **AGRADECIMENTOS**

Em meio a esse processo acadêmico, encontrei diversas dificuldades até chegar aqui e realizar este trabalho como meta final de formação e aprendizado. Para este momento ser concretizado, contei com o auxílio e apoio de muitas pessoas importantes para mim, com objetivo de superar essas dificuldades, fazer com que fosse possível conciliar o trabalho, o estudo e as viagens totalmente cansativas, indo de Machadinho a Erechim todos os dias da semana, viajando em torno de 5h por dia.

Agradeço primeiramente a Deus, acredito fielmente em suas intenções, e que me forneceu energia e me guiou por um caminho de luz nesse processo.

Agradeço imensamente aos meus Pais e meu irmão, em especial a minha mãe, Suzana Lopes De Lima, que esteve todo esse tempo me apoiando e me incentivando a não desistir, me mostrando caminhos nos momentos mais difíceis. Um agradecimento especial a minha tia Silmara Mokfa, que foi quem me informou sobre a vaga de Licenciatura em História, na UFFS, e cá estou aqui e agora.

Aos meus avós, que me auxiliaram neste processo, em especial ao meu avô, Laurindo Lopes, que em uma conversa de domingo, descobri que foi o secretário de obras da construção do Parque, virando uma das principais fontes do meu Trabalho, além de ser uma grande influência na minha vida.

Um agradecimento mais que especial a minha Orientadora, Prof. Débora Clasen, que esteve disposta em cada momento deste trabalho, dedicando seu tempo com uma grande atenção e consideração, apesar da sua mudança de cidade, sempre atenta aos mínimos detalhes, e me orientando de uma forma leve e sempre me fazendo pensar “fora da caixa”. Também a meu professor de TCC 1, Prof. Gerson Fraga, que teve uma grande importância na ideia central deste trabalho, lembro que foi uma terça feira a noite e só eu havia entrado na aula, trocamos uma ideia sobre meu tema e surgiu, de modo natural, o conceito de “ressignificação”.

Um agradecimento especial a coordenação do Curso, em especial a Caroline Rippe de Melo Klein, que soube gerir a situação delicada dos formandos de 2022, afetados pela pandemia, com grandes dificuldades para a formação. Aos meus colegas de turma, e amigos que fiz para vida toda. Em especial á Junior Klein e Marcos Yuri, que me receberam muito bem logo no início da graduação, fazendo me sentir em casa.

**RESUMO:** O crescimento do Turismo na cidade de Machadinho no Rio Grande do Sul, tanto de modo social, quanto econômico, trouxe grandes mudanças para o município. Inicialmente, entende-se que o que desencadeou o surgimento do Turismo no município foi um impacto socioambiental marcado pela desapropriação de terras e por um ressarcimento financeiro da empresa MAESA, para o município, devido a instalação da UHE Machadinho. Esse recurso foi investido na construção do Parque de Águas Termais e, após a sua construção, se iniciou um processo de transformações na cidade. Esse processo ocorre até os dias atuais, modificando o espaço e trazendo novos significados ao local, tanto geográficos, quanto sociais e econômicos.

**Palavras-chave:** Turismo, Sociedade, Machadinho..

**ABSTRACT:** The growth of tourism in the city of Machadinho RS, both socially and economically, has brought great changes to the city. Initially, it is understood that what triggered the existence of Tourism in the Municipality was a socio-environmental impact marked by land expropriation and by a financial reimbursement from the MAESA company, to the municipality, for the installation of the Machadinho HPP, which was invested in the construction of the water park. thermal waters. After the construction of the Park, a process of transformation began in the city, which continues to the present day, modifying the space and bringing new meanings to the place, both geographical, social and economic.

**Keywords:** Tourism, Society, Machadinho

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01- Estátua de Frei Teófilo.....</b>	<b>29</b>
<b>FIGURA 02- Mapa de Localização de Machadinho.....</b>	<b>35</b>
<b>FIGURA 03- Parque de água termais.....</b>	<b>36</b>
<b>FIGURA 04- Pousada Recanto do Lago.....</b>	<b>36</b>
<b>FIGURA 05- Pousada Recanto das Águas.....</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 06- Pousada Belas Águas.....</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 07- Cabanas do Jé.....</b>	<b>41</b>
<b>FIGURA 08- Cabanas MFK.....</b>	<b>41</b>

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1- O TURISMO E SUAS DELIMITAÇÕES.....</b>	<b>13</b>
1.2- O INÍCIO DO TURISMO NO BRASIL.....	16
1.3- O LAZER INSERIDO NA IDEOLOGIA DO TRABALHO NA CIDADE DE MACHADINHO.....	24
<b>CAPÍTULO 02- MACHADINHO E O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO...28</b>	
2.1- A RELAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA UHE MACHADINHO COM O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM MACHADINHO RS.....	32
2.2- O TURISMO COMO UMA SEGUNDA VIA ECONÔMICA NA CIDADE DE MACHADINHO RS.....	35
2.3- AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA CIDADE DE MACHADINHO E UMA BREVE COMPARAÇÃO COM O TURISMO EM PIRATUBA/SC.....	44
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

O forte crescimento do Turismo, no Brasil, na segunda metade de século XX, trouxe grandes consequências para a sociedade, em diversos aspectos, sobretudo socioeconômico. Aspectos esses que se modificam através das características das atividades turísticas, fazendo com que estas transformações inseridas na sociedade por meio do desenvolvimento do Turismo aconteçam.

Inicia-se a modificação desse cenário no sentido social, dentro do contexto da ideia de lazer, de tempo livre, em relação ao trabalho, na qual percebe-se que isso só vem a acontecer em um período pós Revolução Industrial.

O conceito de tempo livre só aparece depois da Revolução Industrial, com as mudanças na concepção de trabalho e tempo social, e com a evolução tecnológica, principalmente nos transportes, que permitem o deslocamento a longas distâncias com menor tempo, menor custo e maior segurança (ALMEIDA; LEITE; MAICHER, 2003-07 p.24).

Desse modo, entende-se que a Revolução Industrial e tecnológica, que trouxe consigo a ideia de tempo livre, foi um elemento crucial no início do Turismo, que se interliga hoje com muitos setores econômicos, “essa atividade é sem dúvida a forma mais elegante de se entender as novas ferramentas mercadológicas de consumo, que surgem pelo aumento da população, mudança comportamental do consumidor, bravura da concorrência e modificações dos cenários econômicos internacionais” (SILVA, 2007, p.12)

A ideia de lazer, na História, foi ficando cada vez mais forte, com grandes historiadores estudando esse assunto e o relacionando com o trabalho. O que entra nesse sentido, é o Turismo, que conseqüentemente pelo seu desenvolvimento, acaba sendo inserido na ideia de trabalho, que por meio disso vai transformando alguns aspectos sociais do indivíduo, isso acontece principalmente em cidades menores e agrícolas.

O tema proposto é justamente nesse contexto, entender a “Ressignificação do espaço através do Desenvolvimento do Turismo”, porém voltado para a cidade de Machadinho no Rio Grande do Sul, norte do Estado. Uma cidade que tem, na sua base econômica a agricultura e a pecuária, e que, desde 2004, tem no Turismo uma segunda via econômica, modificando o espaço socioeconômico.

Inseridos nesse modo, a ideia de lazer na ideologia do trabalho, está incluída em grandes contextos sociais no que diz respeito a atividades turísticas. Esse conceito de ressignificação, está ligado a aspectos socioculturais, modos de vida, hábitos e costumes. O objetivo é entender como esses processos estão ocorrendo na cidade de Machadinho, através das atividades turísticas desenvolvidas na cidade, tanto no âmbito econômico, quanto no social.

A pesquisa foi desenvolvida através de fontes bibliográficas acerca da história do Turismo e da história da cidade, a realização de uma entrevista e também a pesquisa feita em jornais. Algumas das referências bibliográficas que formam a base para o desenvolvimento do trabalho foram Mário Beni, Ubiratã Oliveira, Paulo Boamar, Christiano Maranhão e Dalila Hallal.

A entrevista, foi realizada com o Secretário de Obras da Época, Laurindo Lopes de Lima, que participou de todo o processo da construção do Parque de Águas Termais e participou também do contexto da construção da Usina Hidrelétrica de Machadinho. A consulta de jornais foi feita na cidade de Erechim, focado o contexto dos anos de 2003 a 2005 e não foram encontradas informações sobre a inauguração do Parque e afins.<sup>1</sup>

O trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “O Turismo e suas delimitações”, que visa mostrar o conceito de Turismo, e seu desenvolvimento em contextos gerais. A forma como Turismo se consolidou no decorrer de sua história e como foi institucionalizado, passando por diferentes fases principalmente na segunda metade do século XX. Nessa parte, há uma subdivisão que remete a ideia de lazer inserida no Turismo, analisada principalmente por Victor Melo, que tem um olhar sobre as obras de Edward Palmer Thompson.

O segundo Capítulo intitulado “O desenvolvimento do Turismo na cidade de Machadinho” traz no início a História do município, desde seus primeiros habitantes, sua emancipação, seus fatores religiosos. Nessa parte, a fonte principal foi Ubiratã Oliveira, com o livro “Um pouco da História de nossa querida terra: Machadinho”, que conta a História do município, de uma forma mais positivista, valorizando os acontecimentos. No segundo capítulo, ainda, trago ao leitor uma ideia de como foi a construção da Usina Hidrelétrica, visando identificar as formas de reassentamento, as consequências dessa construção para o Município e como essa instalação se relaciona com o início do

---

<sup>1</sup> Consulta em arquivo Histórico de Erechim RS, analisando conjunto de jornais dos anos 2002 á 2004.

desenvolvimento do Turismo na cidade de Machadinho. Ligado a história do município e a construção da Usina trata-se sobre o desenvolvimento do Turismo, como uma segunda via econômica, e sobre as mudanças no espaço, os investimentos, as mudanças socioeconômicas na cidade. Após essa parte, como este tema é relacionado a um contexto presente, analiso e comparo com o Turismo na cidade de Piratuba/SC. A cidade foi escolhida pela proximidade geográfica e por ter um início das atividades turísticas muito similares as de Machadinho.

## 1- O Turismo e suas delimitações

O conceito de Turismo está ligado a um conjunto que engloba as viagens das pessoas para outras cidades e países, sendo uma grande via econômica em determinados lugares do mundo, gerando lucros financeiros e trocas culturais por diferentes nacionalidades. De acordo com Lacerda (2020, p 54), a troca cultural vem por meio de objetivos futuros, tendo em vista que “[...] O ‘novo’ turista, cada dia mais curioso, busca por cenários diferenciados que possam satisfazer suas necessidades, prezando pelo bem-estar e a liberdade em suas decisões, orientados por uma consciência ambiental e sociocultural [...]”. Já de acordo com Beni, o turismo pode ser considerado uma alternativa para a evolução socioeconômica das destinações. Beni (1999, p.12) relata que:

O turismo é um elemento importante na vida social e econômica da comunidade regional. Reflete as aspirações legítimas das pessoas no sentido de se desfrutar novos lugares, assimilar culturas diferentes, beneficiar de atividades ou descansar longe do local habitual de residência ou de trabalho. É também importante valor econômico de muitas áreas e cidades e tem contribuição especial na coesão econômica e social das regiões periféricas. O turismo representa bom exemplo da relação fundamental existente entre o desenvolvimento econômico e o ambiente, com todos os benefícios, tensões e conflitos potenciais associados.

O turismo, de qualquer modo, pode interferir de forma fundamental nas duas vias: as econômicas e as culturais, sendo essa segunda com um tom maior de complexidade, por entrar em discussão a questão estrutural e social de uma sociedade modificada através do Turismo. Na questão econômica, se tiver um bom planejamento, com a participação da população nas atividades, pode se dizer que há grandes chances de ter índices de crescimento. Lacerda (2020, p.465) aborda:

A partir desse envolvimento os residentes poderão tomar conhecimento dos processos e possibilidade do turismo para a inserção de seus negócios ou para o fomento do crescimento de empreendedores que venham a criar novos empreendimentos e atrativos dentro do segmento. Essa movimentação do setor gerará um fluxo de renda não somente local, mas nas regiões onde as regiões turísticas estão inseridas.

O fluxo econômico gerado pelo crescimento do Turismo compete às atividades econômicas que podem ser pensadas de diferentes formas. Como a principal delas, o Turismo com os princípios da sustentabilidade, a partir de um planejamento claro,

estruturado e inclusivo, que busca um desenvolvimento saudável e benéfico ligado indiretamente ao crescimento econômico.

O que parece ser a fonte primária, ou seja, a responsável por esse crescimento do Turismo em grande parte do Estado do Rio Grande do Sul, é a ressignificação do uso das águas termais. Usadas como atrativo turístico há séculos (Smith, 2017), as águas motivaram o fluxo de viagens dos turistas como fonte principal de seus desejos recreativos. Para além de uma fonte de lazer, de certo modo, o objetivo da ressignificação das águas termais era a nível medicinal, ligado ao turismo da saúde.

Com base na Europa, foi criada no Brasil a primeira estância termal em Santa Catarina (Quintela, 2004), dando início a grandes estudos científicos e levantamento de novos parques termais, com o intuito de promover a melhoria e manutenção da saúde física. Na segunda metade do século XIX, os parques termais são encarados como um lugar de descanso, de socialização e de prazer, fazendo uso do principal motivo da viagem, “a água termal”, vista como um produto turístico local (Araújo, 2009).

É interessante salientar que o turismo e seu desenvolvimento, tanto pela saúde ou por questões econômicas, deve transcender e ser fruto de um bom planejamento sustentável, priorizando as demandas receptoras dos viajantes. Porém, devem ser sentidos os benefícios desse desenvolvimento pela população local da cidade em que esse desenvolvimento ocorre e não apenas ser desfrutado pelos turistas. Este termo “sustentabilidade” traz uma interessante reflexão de desenvolvimento econômico e social contínuo, porém sem prejuízo do ambiente e dos recursos naturais, ou seja, baseado nisso, depreende-se que “A sustentabilidade deve ser uma condição do turismo e não um tipo de turismo” (DORIN, 2013, p.16).

O produto turístico já citado é usufruído de maneira geral pelo turismo, por esse modo, tem-se a obrigação de oferecer a possibilidade de agir em prol da comunidade, além de oportunizar melhorias na qualidade de vida da própria população local. Porém, é necessário que essa qualidade de vida seja acessível a toda população, trazendo uma heterogeneidade cultural para dentro da área e uma aceitação de todos e quaisquer tipos de indivíduos, independente da sua raça, língua, nacionalidade, sexo, entre outros.

Alguns desses “produtos turísticos”, tem a capacidade de recriar conceitos tradicionais e práticas antigas relacionadas com a água (visto que o produto turístico citado é a água termal) podendo proporcionar uma relação positiva entre o bem-estar e o

psicológico. Este mesmo, é designado por “Termas e SPA”, que deve envolver, na sua oferta turística: Programas *fitness*, experiências de descontração, tratamentos SPA e visitas aos principais pontos de interesse turístico. Através disso, há uma linha de seguimentos que contemplam:

Estruturação de “Pacotes Temáticos”, com atividades de outros produtos turísticos; ° Qualificação de infraestruturas de Termas e SPA2 ; ° Incremento ao nível dos serviços de apoio às Termas e SPA; ° Potenciação das redes e parcerias com Termas e SPAS de outras regiões; ° Estruturação de Sistema de Governança conjunto para a promoção das Termas e Spas do Alto Tâmega, reunindo diversos stakeholders; ° Desenvolvimento de projetos e eventos que alavanquem a captação de turistas (LEITE, 2020, p 22)

De todo o modo, há pontos negativos e positivos. E se o Turismo com um planeamento sustentável acabar de alguma forma prejudicando a comunidade? Um turismo mal planeado pode acabar prejudicando a comunidade, até mesmo impedindo sua própria expansão. Beni (2020), traz tamanha complexidade do que é pensar e planejar a área do Turismo, destacando que cabe à gestão turística avaliar as demandas e atendê-las, além de traçar estratégias para que o turista respeite a comunidade visitada e usufrua de modo educado dos atrativos.

Esses conceitos e influências que o Turismo aborda estão inteiramente ligados a diferentes tipos de culturas e suas trocas. Porém, a troca cultural pode ocorrer na própria comunidade com a inserção de uma nova via econômica ligada ao Turismo. Tal fato ocorre na cidade de Machadinho RS, que por seu produto turístico (água termal) gerou uma grande procura das pessoas viabilizando e instaurando um desenvolvimento nesta área para a cidade, trazendo um crescimento econômico para a própria comunidade, principalmente através dos empreendimentos e o aumento do trabalho com carteira assinada.

## **1.2- O início do Turismo no Brasil**

O Turismo de massa, foi iniciado de fato, em meio a Revolução Industrial, na Inglaterra, visto que as passagens para uma classe média da época, tornavam o transporte mais barato. Algo importante a salientar é que o surgimento da indústria aérea comercial, pós Segunda Guerra Mundial, desenvolveu na década de 1950, a “era dos jatos”, a qual

consequentemente levou a expansão das viagens internacionais. Esse crescimento contribuiu de fato para o surgimento de uma nova indústria, o Turismo (Hallal, 2010).

Para entender essa trajetória do desenvolvimento do Turismo no Brasil, é necessário falar sobre alguns acontecimentos que marcam o contexto desde 1930, como por exemplo o início da “Divisão do Turismo” (1939) que se iniciou logo após da criação da Comissão Permanente de Exposições e Feiras. A divisão do Turismo é o órgão oficial de Turismo Municipal, que na época, fiscalizava as atividades ligadas as agências de viagem. A nível de interesse do Estado, é notável que somente a partir da “Década perdida”, em 1980, é que o mesmo começou a ter um empenho significativo em relação as atividades turísticas, pois afetados por uma crise financeira, teriam de procurar novos métodos para gerar renda, o que será melhor estruturado no decorrer do texto.

Após a criação da Divisão do Turismo (1939), observamos que ocorreu o “fomento de inúmeros Diplomas Legais, que objetivaram, mesmo que timidamente, normatizar as primeiras ações turísticas de cunho Nacional” (MARANHÃO, 2017, p. 242). Esses “Diplomas Legais”, seriam então os primeiros indícios de um empenho estatal para com as atividades turísticas. Maranhão (2017, p.242) aborda que por meio desses Diplomas, destaca-se o “Decreto-lei nº 406 de 04/05/1938 [...] tratava unicamente da venda de passagens aéreas, marítimas e terrestres”, que no geral, limitava-se ao controle da entrada de estrangeiros no Brasil.

Anteriormente, temos como uma das primeiras manifestações de interesse oficial frente ao Turismo ocorridas em 1937, quando o governo do Distrito Federal, instituiu por decreto a temporada oficial do Turismo, “objetivando incrementar, na capital, a frequência de visitantes vindos do interior do Rio de Janeiro e de outros estados da União, para aumentar a receita dos inúmeros cassinos instalados na “Cidade Maravilhosa” à época” (HALLAL, 2010, p. 66).

O Turismo na primeira metade do século XX, era um Turismo dependente do setor privado, tendo em vista que o setor público apenas auxiliava em alguns momentos, que por consequência disto não havia a institucionalização de uma política turística (Hallal, 2010). Porém na década de 1950, se iniciaram os primeiros sinais de uma ação mais ampla por meio da criação de órgãos municipais de Turismo nas prefeituras de Belo Horizonte, Recife e Salvador:

No começo da década de 1950, a hotelaria nacional já era de razoável proporção e concentrava-se nas principais capitais do país. As companhias aéreas aumentaram suas frotas. As agências de viagens brasileiras começaram a se organizar, criando associações regionais e participando de eventos internacionais. Em 1953, um grupo de 14 agências fundou a ABAV – Associação Brasileira dos Agentes de Viagens no Rio de Janeiro, buscando consolidar e incentivar o turismo nacional, posteriormente estruturada em outros estados da Federação. (HALLAL, 2010, p. 67)

Em 1958 foi instituída a primeira política pública do Estado a serviço do turismo brasileiro, “O decreto nº 44.863 de novembro instituiu, no governo de Juscelino Kubitschek, a COMBRATUR - Comissão Brasileira de Turismo -, vinculada à Presidência da República” (HALLAL, 2010, p.67). Com os objetivos de coordenar, planejar e supervisionar as execuções da Política Nacional do Turismo, é através da COMBRATUR que começamos a ter melhorias nas infraestruturas turísticas nacionais, especialmente nos meios de hospedagem (HALLAL, 2010).

Porém, essa comissão não conseguia atender a tantas atividades, e passou a ser extinta em 1961, surgindo no seu lugar a Divisão do Turismo e Certames, em 1962, com o objetivo de fiscalizar e organizar as feiras e certames a nível nacional (HALLAL, 2010).

Em 1966, em um contexto de ditadura militar, o governo federal não podia continuar com suas atividades no campo do Turismo, por razões burocráticas, subordinado a um departamento da Secretaria do Comércio (HALLAL, 2010). Nessa época “O turismo necessitava de ações mais objetivas do governo, existia somente, no âmbito Federal, a divisão do Turismo e Certames, e, no Estadual, duas Secretarias do Estado, a da Guanabara e a de São Paulo” (HALLAL, 2010, p. 68).

O crescimento das atividades turísticas demandavam cada vez mais um órgão que pudesse atender as necessidades do setor. Ainda em 1966, nota-se que, segundo Maranhão (2017, p.243), “[...] a ideia de turismo, visto como área estratégica, só surge a partir da segunda metade da década de 1960, simultâneo a constituição do CNTUR e da EMBRATUR em 1966, podendo a partir deste ponto, apontar certa continuidade nos esforços públicos, com vistas a regulamentar o setor turístico brasileiro” através do Decreto-lei nº 55, de 18 de novembro que:

Recomendava a criação dos seguintes órgãos e instrumentos oficiais: (a) Conselho Nacional de Turismo (CNTUR) - de caráter normativo; (b) Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) - órgão executor; e (c) Primeiro Plano Nacional de Turismo (Plantur), que continha atribuições e direcionamentos para os operadores turísticos do Brasil. Sobre o Plantur é importante dizer que

ele sequer chegou a ser efetivado, devido à fragilidade relacional entre os agentes. (MARANHÃO, 2017, p.243)

De modo geral, o CNTUR delineava as políticas de Turismo, e a EMBRATUR deveria executá-las (HALLAL, 2010). Essa década de 1960, teve sua importância para as atividades, pois notamos que o Turismo passava por algumas dificuldades organizacionais, a criação destes órgãos foi fundamental para definir os rumos do Turismo Brasileiro.

A EMBRATUR, anos depois, passou por uma reestruturação, que modificou sua nomenclatura para “Instituto Brasileiro de Turismo” passando a atuar na formulação, coordenação e execução de uma, até então, inédita Política Nacional de Turismo (MARANHÃO, 2017). Nesse mesmo contexto temporal (1971-1976), foram instituídos novos fundos de incentivo econômico ao turismo, como o FUNGETUR (Fundo geral do Turismo), Fiset (Fundo de Investimentos Setoriais), FINOR (Fundo de Investimento do Nordeste) e FINAM (Fundo de Investimento da Amazônia), destacando a partir desses investimentos o Desenvolvimento econômico Regional e uma captação maior de recursos para a Região Nordeste do Brasil (ENDRES, 2012), pois na Região Nordeste haviam os recursos naturais que seriam relacionados às atividades turísticas. Para Cruz (2000, p.62) “o binômio sol-praia e ecossistemas como Amazônia e Pantanal”, era um vasto campo de investimento para os gestores brasileiros, era por onde o planejamento do Turismo poderia então iniciar em grande parte no Brasil.

O período de 1950 a 1969, voltado às relações do Turismo e suas consequências, foi de certo modo proveitoso, visto que houve crescimento de cidades, melhoria no sistema de transportes, ampliação dos sistemas de comunicação, iniciando uma certa organização da atividade nos setores públicos e privados (HALLAL, 2010).

De modo geral, anos depois, a partir da criação dos incentivos, foram atraídos diversos grupos de investidores internacionais, pertencentes a transportadoras europeias, americanas e orientais. Esse capital investido, trouxe o início da participação do Brasil no mercado internacional, nesse contexto, Beni (2006, p.25) cita que:

Os capitais incentivados foram utilizados quase integralmente em hotéis de luxo, de 250 mil dólares a unidade habitacional, em empreendimentos de valor não inferior a 25 milhões de dólares. Isso, em valores atuais, equivaleria a investimentos na ordem de 75 milhões de dólares (...) o que provocou (...) a implantação de uma oferta incompatível com as características da demanda interna regional – e mesmo com as características da receptiva internacional.

É importante destacar que, na grande maioria desses projetos, não foram levados em consideração os estudos de localização, de viabilidade econômico-financeira, de formação de recursos humanos e de inclusão social.

No Nordeste, dada as condições geográficas semelhante ao Caribe as orientações a partir dos investimentos foram dadas através da Política de Megaprojetos, que surgiu no fim da década de 70, com “O objetivo de desenvolver o turismo na região por meio da implantação de megaempreendimentos turísticos ou, de forma mais específica, megaprojetos hoteleiros” (ENDRES, 2012, p.55). É também na década de 70 que se inicia uma nova etapa do desenvolvimento do Turismo, pois vários países começam a fomentá-lo, criando centros turísticos planejados. Nessa época, há uma grande participação do setor privado nas atividades turísticas (HALLAL, 2010).

A política de Megaprojetos remete a priorização da infraestrutura hoteleira, orientada para uma captação e atendimento específico às demandas turísticas internacionais, a partir de um modelo europeu de urbanização turística (CRUZ, 1996). Sobre as Políticas Públicas dessa época, Endres (2012) avalia que a atuação do Poder Público no Turismo, ignorou o complexo conjunto de relações em que a atividade estava inserida a partir do SISTUR<sup>2</sup>. Endres (2012, p.55) explica que:

Ao canalizar grande parte dos recursos alocados para o turismo na implantação de um parque hoteleiro, o poder público federal, em sucessivas gestões, limitou o desenvolvimento da atividade turística no país. O que se evidencia são ações parciais e desconexas sobre a atuação dos subsistemas que compõem o sistema turístico, que não foram bem-sucedidas no sentido de promover a atividade de forma equilibrada.

Entende-se que essa questão de parcialidade, limitando desenvolvimento da atividade turística no Brasil, é condizente e explicado pelo contexto político, econômico e social da época, o qual era constituído pelas ações de um Estado desenvolvimentista e totalitário (Endres, 2012), momento político marcado pelos direitos da população cercados e conduzidos à reproduções de padrões.

Por algumas dessas razões, é importante ressaltar “que de 1971 até os primeiros anos da década de 1980, o modelo Turístico caracterizado pelo Brasil sinalizava para um caráter centralizado e intervencionista do Estado” (MARANHÃO, 2017, p.243), alinhado

---

<sup>2</sup> SISTUR- Sistema de Turismo. Uma metodologia de estudo dos fenômenos turísticos elaborada pelo professor Mário Carlos Beni (1998).

com a ideia de crescimento econômico, um Turismo que gerava emprego e renda, que favorecia a produção e circulação de divisas (ENDRES, 2012).

A partir de 1980, entendemos que o Turismo obteve uma atenção mais expressiva por parte do Estado, que conseqüentemente gerou um maior aproveitamento dos nossos recursos naturais, como as praias, montanhas, dunas, florestas, exemplos esses que indicavam que tínhamos um “Produto Turístico” a oferecer a sociedade, tanto no sentido de recursos naturais, quanto no sentido de entretenimento, como festas, costumes e hospitalidade. Porém nessa época (1980) tem-se uma visão parcial do Turismo, apenas no seu viés econômico, a perspectiva mais holística dessa atividade só receberá mais atenção posteriormente.

Mesmo com estes pontuais avanços, ainda tínhamos uma imprecisão conceitual e estrutural no sentido do Turismo até surgir um Ministério específico para organização das atividades turísticas, e de tal modo, a inserção do Turismo em alguma pasta Estatal. Endres (2012) entende que até se chegar no Ministério do Turismo, em 2003, houveram muitas outras instâncias de gestão do Turismo Brasileiro, durante o percurso histórico.

Maranhão (2017, p.244) aponta que “houve um período de mais de seis décadas (64 anos) que o Turismo transitou por dez instâncias estatais diferentes, ratificando a dificuldade de compreensão de sua complexidade”. Período esse que foi marcado por uma instabilidade até o ministério específico ter sido instituído em 2003.

Nesse sentido, de modo geral, a segunda metade do Século XX (anos 70, 80, 90, 2000) foram os anos destaque do início do desenvolvimento do Turismo no Brasil (Maranhão, 2017), visto que, chamo atenção ainda maior para a década de 1990 que, a nível de gestão, foram anos cruciais para as atividades turísticas.

Na área científica, a década de 70 foi bastante produtiva no que diz respeito as discussões sobre o Turismo, uma década muito importante para o desenvolvimento do Turismo no Brasil. “Iniciaram-se os primeiros eventos científicos na área, que discutiam a realidade turística brasileira, o mercado de trabalho e as necessidades do setor, encabeçados pelo Contur – Congresso Brasileiro de Turismo” (HALLAL, 2010, p. 72). Já as décadas de 1980 e 1990, juntas geraram importantes resultados para o Turismo, através de políticas, planos, projetos, inserindo muitas questões importantes para o Desenvolvimento do Turismo no Brasil, como a gestão descentralizada e a internacionalização, na pauta Pública do turismo. Esse contexto segundo Maranhão

(2017, p.244) “Chegou aos anos 2000, marcado por ações que ainda reverberam na Contemporaneidade”.

Visto que na primeira citada (década de 80), esta foi marcada por um período de dificuldades, pois no contexto econômico mundial ocorre a crise Fordista, marcada no Brasil pela instabilidade política, crise no petróleo, avanço da dívida externa e cortes econômicos. Dentro disso, tivemos alguns desdobramentos no que se refere a economia com a implementação de outras atividades, pois este colapso econômico passou a gerar outras perspectivas de trabalho, que diante dessa tensão política e econômica, “O turismo passa a ser visto pelo Estado como uma opção econômica relevante para o momento difícil que o Brasil enfrentava” (MARANHÃO, p.245, 2017)

“Talvez aqui se possa parcialmente explicar, as razões para o turismo continuar sendo visto na contemporaneidade no Brasil como solução para gerar emprego e renda aos lugares que o incentivarem” (FONSECA, 2005, p.86). É na década de 1980 que o Estado buscou promover a atividade turística, favorecendo a geração de empregos. Ou seja, entende-se que mesmo com a dificuldade econômica da década, foi o momento em que o Turismo foi “credenciado” (MARANHÃO, 2017), por mais que tenha sido de forma apressada e o Estado as vezes tivesse assumido um papel de controlador da atividade, o Turismo teve seus avanços.

Na década de 90, especificamente, já se sobressai novos posicionamentos para o turismo. O elemento da competitividade é fomentado nesse contexto, devido a necessidade de competir em relações que eram apresentadas pelos concorrentes. Nesse sentido, entra no investimento o uso da informação, a busca por qualidade de serviço e principalmente a inovação. A década de 1990, segundo Maranhão (2017, p.246), “fez o turismo transitar por outros caminhos e usar novos recursos, fato que leva a batizá-la como a Nova era do Turismo- NET”.

Nesse sentido, o Turismo no Brasil estava se desenvolvendo aceleradamente, cada vez com um alcance maior, mesmo que no sentido econômico ainda estivesse centralizado, deixando uma leitura simplificada das atividades, tendo em vista que “A atividade turística era vista [...] como atividade econômica e as dimensões – social, espacial, cultural e mesmo política, não eram motivos de interesse [...], os dirigentes agiam de forma empírica [...], baseados nos discursos das grandes vantagens” (FRATUCCI, 2008, p. 17 *apud* MARANHÃO, 2017, p.246)

Ainda centrado no viés econômico, o Turismo na década de 1990 ultrapassa as fronteiras nacionais, ocorre um fomento das políticas públicas e no projeto do Brasil a nível internacional (MARANHÃO, 2017). Movido por um perfil competitivo, o Estado seleciona a região Nordeste para iniciar esta abertura Internacional, essa escolha foi pela região apresentar altas temperaturas, diversidade natural e ser uma extensão da costa.

A década de 90, no que diz respeito a Política de Turismo, é o momento em que inicia o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) essa política foi um marco na internacionalização do Turismo Brasileiro e marcou a década. Paralelo a isso, surgia o “experimento” de gerenciar as atividades turísticas por meio da instância Municipal, como consequência, tem-se a criação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), porém não obteve o êxito esperado (MARANHÃO, 2017), pelo fato da situação individual que os Municípios enfrentavam, no sentido de insuficiência econômica e gerencial. É nítido no fim da década de 90, uma evolução da área do Turismo, “percebe-se que a atividade Turística no Brasil nessa época, já era conduzida por uma postura mais propositiva por parte do poder público” (MARANHÃO, 2017, p. 247), também nesse período de tempo, temos um melhor aproveitamento do fluxo de turistas internacionais.

Pode se dizer então que o Turismo no geral, no fim dessa década (1990) passou por um período de experimento e já havia sido realmente efetivado. “Observa-se que o papel do Estado também se modifica” (MARANHÃO, 2017, p.247), deixando de ter postura coadjuvante, começando a conduzir as atividades, refletindo um certo caráter neoliberal da época (MARANHÃO, 2017).

O turismo brasileiro passa pela sua segunda fase de grande expansão, em um momento de abertura de economia e a estabilização da democracia:

A primeira fase ocorreu nos primeiros anos da década de 1970, em plena ditadura militar, quando tecnoburocratas decidiram organizar o turismo nacional como uma das panacéias milagrosas para resolver os problemas do país. Com entusiasmo pueril e demagógico, implantou-se toda uma estrutura de financiamento hoteleiro, cursos superiores e técnicos de turismo, marketing agressivo porém inócuo, [...]. Apesar do esforço concentrado, a primeira fase do turismo brasileiro acabou fracassando. Dois conjuntos de motivos ocorridos concomitantemente afetaram a área: o primeiro foi estrutural, ou seja, a série de desastres econômicos causados pela crise do petróleo e o aumento das dívidas brasileiras provocaram inflação e recessão que comprometeram o desenvolvimento nacional, inclusive do setor turístico; o segundo conjunto de motivos foi conjuntural, pois os “planejadores” não se importaram com a preservação ambiental, com a conquista de padrões internacionais de qualidade e com a formação intensiva de profissionais qualificados em todos os níveis, o

que afetou a operação e a gestão dos serviços turísticos. Todas essas deficiências do setor turístico, aliadas à crise econômica mundial, resultaram em fracasso. (TRIGO, p. 93-94 *apud* HALLAL, 2003 p. 62),

É de fato interessante salientar que nessas últimas décadas do século XX, o Turismo e as viagens, no âmbito acadêmico, também obtiveram seu desenvolvimento, pois começam a ser estudados cientificamente. Nesse contexto do Turismo como objeto de pesquisa, que o mesmo é observado não só no contexto econômico, mas sim, no contexto histórico, sócio-filosófico, ambiental, cultural entre outros. “Esses contextos são independentes, cada um interage com o outro, ora se complementando, ora se contradizendo” (HALLAL, 2010, p. 63).

Na década de 2000, pode se dizer que o mais importante foi a criação do já citado Ministério do Turismo (Mintur) em 2003. A criação do ministério ampliou os processos organizacionais para as atividades, que ficou em torno de 64 anos sem um ministério específico, sendo autenticada como instância federal.

Outro fator relevante para este período foi a instalação da Câmara temática de Regionalização (MARANHÃO, 2017), que futuramente ganha espaço e lança um Programa de Regionalização do Turismo (PRT)- Roteiros do Brasil, na Confederação Nacional do comércio. Maranhão (2017, p 248) cita que:

A partir daí a premissa de regionalizar o turismo ganha espaço. Vários estudos, debates, leis e propostas passam a se vincular com esta perspectiva, que tem por base as diferentes regiões brasileiras. A temática da regionalização torna-se uma política macro de desenvolvimento do turismo.

É interessante salientar que nesses anos, com a nova estrutura do MNTUR, “a EMBRATUR passa a cuidar exclusivamente da promoção do país no exterior e a centralizar a elaboração de estudos e pesquisas para orientar os processos de tomada de decisão” (HALLAL, 2010, p. 76).

Ainda na década de 2000, precisamente em 2008, ocorre a Lei Geral do Turismo (LGT), que relaciona as ações turísticas com 12 Ministérios distintos, para um entendimento do Turismo de forma multifacetada, podendo atuar em outras áreas, mesmo que timidamente. Na década de 2000 se contemplam anos de grandes avanços para o desenvolvimento das atividades turísticas, fatores que nessa década foram criados, permeiam até a contemporaneidade.

O que destaca no desenvolvimento do Turismo no Brasil é que, de certa forma, o Turismo passou a ser uma ferramenta que se interliga em diversas áreas de atividades, tanto nos meios sociais, culturais, acadêmicos, econômicos entre outros. Se destacando como um importante papel entre estas, com suas próprias características de desenvolvimento.

O turismo no Brasil configura-se, inicialmente, como uma iniciativa do meio empresarial e, lentamente, foi se organizando com a participação do setor público. Apresenta-se na atualidade como uma atividade importante para os governos, que reconhecem-no como um fenômeno amplo e que necessita ser analisado a partir da interação entre a academia, o mercado e o governo. (HALLAL, 2010, p. 77)

Essa estrutura das atividades Turísticas, dos anos 2000, foi se desenvolvendo em grande parte do Brasil, modificando espaços e auxiliando no crescimento econômico de várias cidades que hoje são consideradas cidades turísticas. Esse desenvolvimento ocorre no norte do Rio grande do sul, na cidade de Machadinho, na qual teve seu início ligado a um ressarcimento para o morador, através da construção da UHE Machadinho.

### **1.3 - O LAZER INSERIDO NA IDEOLOGIA DO TRABALHO NA CIDADE DE MACHADINHO**

É interessante iniciar destacando que o lazer é uma prática social dos homens, logo, seu desenvolvimento depende da produção social e histórica de existência dos mesmos. Entendemos que para existir, o homem necessita de uma atividade vital humana que se manifesta em forma do trabalho (SANTANA, 2014).

Trabalho este que para Marx (2012, p. 211) “é um processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza, atuando assim sobre os sentidos naturais externos e modificando-o, ao mesmo tempo modificando sua própria natureza”. Nesse sentido, entra o contexto do lazer, que tem sido uma necessidade gerada pelo trabalho humano nos modos de produção (SANTANA, 2014).

Entende-se que, o lazer como forma de descanso, também foi importante no que diz respeito a História do Trabalho, principalmente nos séculos XVIII e XIX, afirma Lafargue (2003, p.19):

Os trabalhadores daquela época foram acometidos por uma loucura, o que ele chama de “amor ao trabalho”, levando- os ao esgotamento de suas forças vitais. Na sociedade capitalista em desenvolvimento, o trabalho “é a causa de toda a

degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica”, pois os trabalhadores tinham um dia de trabalho excessivamente longo (15 horas), chegando à suas casas oprimidos pela necessidade de dormir e acordavam antes mesmo de repousarem por completo para voltar a trabalhar.

Nesse contexto temporal, Lafargue (2003), entende que o homem deveria buscar um estilo de vida que o contemple fora do trabalho, no sentido de desenvolvimento intelectual de cada indivíduo. O autor destaca que o “convívio com a família, os amigos e o acesso ao conhecimento e a cultura popular” (2003, p. 20), era de fato algo importante para preencher o tempo de lazer do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento epistemológico do trabalhador, no sentido de refletir de forma crítica sobre a sociedade.

No século XX, no âmbito da pesquisa histórica, como mostra Peter Burke (1995), a possibilidade de considerar os momentos de diversão como objeto de estudo começa a se delinear melhor nos anos 1960, algo que se oficializará mais tardiamente com a Nova História Cultural em 1970, que tem o objetivo de considerar as práticas culturais como assuntos de primeira grandeza. Se configura nessa época, grandes pensadores, economistas, críticos em geral da temática do lazer, inseridas em um contexto de trabalho. Melo (2010) afirma que:

Economistas, como Thorste inVeblen, filósofos, como Bertrand Russell, ativistas e militantes, como Paul Lafargue e sociólogos, como Georges Simmel, já tinham dedicado atenção à temática do lazer. Entre os historiadores, o assunto adquire relevância no estudo clássico de E. P. Thompson, A formação da classe operária, lançado em 1963. O próprio autor, em outra ocasião, chama a atenção: “Se retornarmos ao tema da disciplina do trabalho, ou das mudanças nos padrões familiares de conduta e lazer e aos valores comunitários durante a industrialização, o campo para o estudo comparativo parece infindável”. (p.5, 2010)

Essa relação de mudança social, através de uma dinâmica de lazer inserida na ideologia do trabalho, traz consigo uma vasta modificação social relacionada principalmente a um novo conjunto de comportamentos, considerados importantes e fundamentais para a consolidação do modelo de sociedade em construção. Sobre esse conceito de reestruturação social, ressignificação, temos como grande referência histórica Thompson, que foi um dos primeiros que, a partir do Marxismo, abriu percepções da cultura como dimensão fundamental de luta.

Nessa perspectiva, Thompson percebe a consciência de classe na “maneira pela qual essas experiências (de relações produtivas), são manipuladas em termos culturais,

são também incorporadas em tradições, sistema de valores e ideias” (THOMPSON, 1987, p. 10). O autor amplia a importância do lazer, propondo uma outra maneira de buscar e investigar as experiências dos trabalhadores, não apenas no sentido econômico, mas até mesmo de se vestir, morar, comemorar, cantar, viver e resistir as transformações, como vivência cotidiana que “é uma nova maneira de ver a luta de classes em seu processo histórico” (FENELON, 1995, p.18).

Nesse sentido de lazer e trabalho, entra uma questão importante que permeia os sistemas sociais inseridos na cidade de Machadinho. Machadinho é uma cidade rural, de matriz econômica agrícola. A ideologia é a do trabalho, da valorização do trabalho e daqueles que sejam entendidos como trabalhadores. Dentro dessa dinâmica, o lazer sempre foi algo relegado a segundo plano. O trabalho, em sua essência, deixa pouco tempo para o lazer e os espaços de lazer, coisas que tem dia e hora para acontecer, fora esses horários, seria algo de pessoas “desocupadas”, visto pelo âmbito dessa ideologia.

Porém, de repente, através de todos esses motivos entendidos acima, surge no meio de um lugar permeado por esta ideologia (trabalho rural), um parque aquático, um centro de lazer. Algo totalmente fora desta ideologia do trabalho, e que atribui novos sentidos e significados ao local.

Essa questão de lazer e ideologia do trabalho já vem sendo analisada no decorrer da história, trazendo relações com o modo de produção fabril, com as jornadas de trabalho e visões distintas com relação ao momento livre. Para Melo (2010, p.07) “Foi compactada esta distinção por meio do processo de consolidação do modo de produção intensificado, com longas cargas horárias”. Melo (2010, p.07) ainda afirma que “O desafio é compreender como se constrói uma prática política cotidiana que seja capaz de incorporar ou não certos padrões culturais, processo comumente simultâneo, que também se relacionam às questões econômicas e/ou de poder”.

As transformações sociais ligadas a uma relação de trabalho e lazer, é algo novo para uma sociedade que teve no decorrer de toda a sua História uma ideologia de “trabalho árduo”, o que é muito comum nas cidades de base agrícola. Melo (2010) afirma que “Progressivamente, o ritmo da fábrica passou a marcar com força a vida cotidiana, delineando um tempo livre em horário definido” (MELO, 2010, p.11).

É interessante destacar, nesse contexto de padrões culturais, ideologia de trabalho e lazer que, o investimento na construção do parque de águas termais, não foi tão aceito

pela sociedade que, por ter essa ideologia enraizada historicamente no serviço, e por ter apenas o contato com o trabalho agrícola e pecuarista, acabou não reagindo de uma maneira positiva Lopes<sup>3</sup> ressalta que:

A população da agricultura, os agricultores, foram quase todos eles na época, contra, eles não concordavam. Acredito que um pouco era o fato do desconhecimento das atividades turísticas, na época deu muita discussão e muito debate para aprovar esse dinheiro que veio de compensação na área do Turismo. Porém, as comissões reunidas aprovaram que fosse aberto as águas termais. Na época o Prefeito [Luis Rebesquini], deu início às obras, o que gerou muita polêmica, não foi um período tranquilo para o município, foi um período marcado por conflitos políticos, com muita dificuldade até a inauguração do parque. (LOPES, 2022)

Entende-se que, o investimento na construção do parque era também uma forma de “tocar no intocável”, pois através do início do desenvolvimento do Turismo é que a ideia antiga de ser um município voltado para a agricultura, acaba se transformando na cidade Essa mudança social é algo que permeia o município até os dias atuais, em consequência do lugar de lazer inserido em uma perspectiva de trabalho e crescimento econômico.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Laurindo Lopes nos dias 15/09/2022 e 17/09/2022 em sua residência

## 2. Machadinho e o Desenvolvimento do Turismo

A história da cidade de Machadinho começa por volta do ano de 1893, em um local que hoje chamamos de Capinzal, no estado de Santa Catarina. Neste local ocorreu um combate, que foi batizado de “Lagoa da Guerrilha”, combate este que fez o Capitão Gumercindo Saraiva retirar-se e preparar seu grupo para um possível novo combate futuro. Circulando o Rio Pelotas, atravessaram com troncos de árvores, deixando todos seus pertences na margem oposta, incluindo seus materiais para a guerra. Após a travessia, o capitão ordenou a abertura de uma “picada” até um local seguro, no que sem querer, estava traçando a primeira estrada do município que hoje se chama Machadinho.

Pela picada deixada por Gumercindo Saraiva começaram a chegar os primeiros moradores, uns fugitivos de facções revolucionárias e outros atraídos pelo rio que lhes oferecia pesca, e, pelas matas oferecendo frutas, caças, etc. Significando ambos uma forma ou uma condição de vida. Machadinho por ser fronteira com o estado de Santa Catarina, era o local excelente para esconder-se ou refugiar-se, pois em qualquer caso bastava atravessar o rio. Seus suntuosos e altivos pinheirais, formavam uma espécie de sertão impenetrável. (OLIVEIRA, 1978, p 20)

Este combate, vencido por Gumercindo Saraiva durante a Revolução Federalista, foi fundamental para termos o primeiro contato com a história da cidade de Machadinho, por onde então chegariam os primeiros moradores. Segundo Oliveira (1978): “os primeiros moradores da cidade de Machadinho foram a família Gomes, logo após chega o caboclo Manoel Machado de Campos”. Era um homem de estatura pequena e conhecido pela sua popularidade e bondade (por sua estatura baixa, foi chamado de Machadinho e deu origem ao nome da cidade). Primeiramente, o local se chamou Pinhal de Machadinho e posteriormente ficou só Machadinho.

A religião sempre foi algo muito importante para o povo do município, sendo a religião católica bastante presente. Segundo Maso (2004, p.63), “o primeiro sacerdote a adentrar em solo machadinhense foi o Padre Germano de Saint-Six, vigário de Lagoa Vermelha, que fez a sua primeira visita a cavalo para exercer os ministérios sagrados na comunidade de La. Coqueiro”. Alguns outros padres que visitaram Machadinho na época foram: Freis José Cherubini, de Bento Gonçalves, o vigário de Sananduva Cláudio Mocellini e o vigário de Lagoa vermelha, Aleixo Polesso.

Barbosa (1983) aponta que muitas capelas foram construídas no início do século XX. A capela de Monte Bérico foi construída em 1920 por moradores procedentes de

Flores da Cunha, porém em 1925 um vendaval derrubou a Igreja, sendo reconstruída no mesmo ano e ampliada em 1930. Esta teve como seus fundadores, segundo Maso (2004), José Pedron, José Polo e José Baldissera, e dispõe de um sino de 180 quilos, estando localizada na Linha Polo.

Em 1926, a capela de Santa Catarina foi construída pelas famílias Zeni, Grison e Panho, a sete quilômetros da sede. Essa capela possui um sino de bronze de 156 quilos, como aborda Maso (2004, p.77). “Em 1933 com a criação da canônica da Prelazia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, a Vila de Machadinho passa a pertencer a esta nova Prelazia com ordens do Bispo dom cândido Maria Bampi de Vacaria”.

Machadinho passou por enormes dificuldades por questões relacionadas à natureza. Com a mata densa e fechada e os animais em uma quantidade extrema, as casas construídas com a madeira extraída manualmente dos grandes pinheiros que eram cortados necessitavam de uma tremenda força bruta, gerando um trabalho desgastante. A terra após o desmatamento era utilizada para a produção de grãos como o milho, o feijão e o trigo.

O comércio inicialmente era realizado quase todo em Piratuba, no estado de Santa Catarina, que era ligada ao Rio Grande do Sul por linha férrea, o que facilitava o contato. Conforme observa Oliveira (1978, p. 25), “o principal comércio era a troca de couro pelo sal, querosene, vestimentas, etc.”.

Os primeiros habitantes de Machadinho, mantendo-se fixos na região buscavam cada vez mais aperfeiçoar a cidade conhecida por famílias humildes e batalhadoras. Há relatos de que muitas das famílias que chegaram na cidade de Machadinho, chegaram transportadas por carretas alugadas tracionadas por animais, até mesmo no lombo de burros, trazendo seus pertences nos cestos. Segundo Maso (2015, p 54):

No trajeto muitas pessoas ficavam doentes, crianças choravam de fome, até mesmo mulheres grávidas tinham que trazer junto suas parteiras, pois muitas deram a luz no decorrer do caminho. Pernoitavam em galpões desocupados que achavam pelo caminho.

O que destaco na chegada dessas famílias é que tinham uma característica muito marcante, semelhante entre elas, a crença cristã-católica. A cidade prosperava, segundo Maso (2005, p.59):

As pessoas que aqui chegavam traziam dentro de si uma fé muito grande em Deus e era isso que os confrontava perante as dificuldades que tiveram que enfrentar até se instalarem, pois chegar numa colônia totalmente fechada pelas capoeiras e pinheiras com suas famílias eram atos heróicos. Crianças chorando de fome, pessoas de idade, mulheres grávidas, todos sofrendo diante das extremas condições que o povoamento de Machadinho apresentava.

Em relação à medicina, era a caseira (Oliveira, 1978). Os chás, as simpatias, ou ainda os benzimentos eram a cura ou o conforto do doente. As crianças nasciam nas mãos das habilidosas parteiras existentes na época. Uma tradição daquele tempo eram os pais convidarem as parteiras para batizar em suas próprias casas seus filhos.

Na parte da geopolítica, Machadinho ficou até 1957 como distrito de Lagoa Vermelha, passando a ser independente neste ano. A história religiosa do município teve voz fundamental neste processo. A religião católica estava presente diante dos olhos pela Igreja e capelas erguidas nas localidades. Dentro disso, tínhamos a palavra de Deus levada a cavalo por meio dos Freis Capuchinhos. Esse movimento desencadeava o crescimento da construção das capelas. Com uma presença grande na construção dessas capelas e das escolas, Frei Teófilo (personagem histórico na cidade, que tem uma estátua hoje em dia em sua homenagem) juntava dinheiro através de rifas beneficentes, para auxiliar no valor dessas obras.



Figura 1- Foto da estátua de Frei Teófilo (Fonte: viagnesecaminhos.com)

Porém, como Frei Teófilo crescia muito em popularidade, gerava uma polarização. Há relatos que em 1948, a casa paroquial foi alvo de tiros, um atentado sem

êxito por detalhe, segundo Maso (2005). Costa (2004, p. 102) relata que: “Quando deram os tiros na canônica, o padre veio aqui em casa e me contou: “Olha David, se eu tivesse sentado no escritório tinha acertado o tiro na barriga. Se eu tivesse deitado, tinha acertado na cabeça, porque o tiro deu no travesseiro”.

Grandes obras foram realizadas no município com a iniciativa de Frei Teófilo, como a construção de escolas e principalmente a construção do Hospital, inaugurado em 09 de outubro de 1949. Porém, o que marcou de maneira mais presente, motivando a contação de história até os dias atuais, foi seu esforço para trazer energia elétrica para a cidade por meio de muitas lutas. Os professores desta época enfrentavam terríveis dificuldades não só para ensinar, como até para receber seus vencimentos que, além de atrasarem, tinham que ter um procurador em Lagoa Vermelha e este retirava o dinheiro enviando pelo correio até Paim Filho, pois Machadinho não tinha correio (Oliveira, 1978).

Segundo Oliveira (1978), “[...] o estágio de desenvolvimento do ensino em Machadinho, em 1960, atinge um dos seus mais elevados pontos, pois em todas as suas linhas e distritos são construídas escolas”, e havia uma grande procura das administrações da época para obter bons professores.

A luta pela emancipação era grande na época. Os emancipacionistas eram firmes com suas ideias e intensões, voltados para o engrandecimento de sua própria terra. De certo modo, as manobras e as artimanhas dos principais emancipacionistas começavam a atuar, como uma troca de votos entre Machadinho, Cacique Doble e Paim Filho, tornando-se uma verdadeira confusão de votos e eleitores. Os três distritos lutavam pela mesma causa: a emancipação.

“É extraordinário ver o entusiasmo e a emoção que pessoas ligadas a esta façanha, falam sobre a ardorosa campanha política que todos os distritos empenharam em favor de sua emancipação” (OLIVEIRA, 1978, p 75). O povo aguardava ansioso pelo resultado, que deveria ser trazido pelos membros da Comissão Emancipacionista. Como tinha a dificuldade da comunicação na época, aguardavam o resultado e sua chegada.

Aproximadamente as 18 horas do dia 18 de dezembro de 1958, o silêncio da paisagem Machadinhense, caracterizada pelos imensos pinheirais era quebrado por ruídos de tiros dados a longa distância, o povo saiu às ruas, parecia que até as estrelas brilhavam mas era a comissão emancipadora que apontava vitoriosa no horizonte, e, Machadinho por algumas horas, foi palco de maior emoção que já teve este povo, lágrimas, abraços, risos se confundiam, canções e gritos surgiam de todas as partes tomando conta do ar, como um único grito, o maior

grito de todos os lados e Machadinho viu nesta noite a maior concentração popular até ali concedida. (OLIVEIRA, 1978, p.76)

Machadinho tem sua colonização predominante de descendentes de imigrantes italianos, encontrando também, alguns descendentes de poloneses e alemães. No âmbito cultural, temos as festas religiosas, como a da Padroeira Nossa Senhora do Rosário. Ainda neste contexto cultural, temos os rodeios, eventos sociais, desfiles cívicos e temáticos.

Atualmente, Machadinho está como uma referência turística, onde temos a terra da água termal oferecendo lazer e saúde o ano todo, com uma rede hotelaria de excelência, além de pontos turísticos para visitação: Cascata do Tigre, Cachaçaria Acanhadinha, Museu Torres e Invernada dos Macacos.

Nos processos de construção do parque, de modo geral, tivemos em 2001 o início do processo de construção do Poço do Parque Aquático de Águas Termais, que só vai ser iniciado em 2003 e inaugurado em 2004.

## **2.1- A Relação da Construção da UHE Machadinho com o início do desenvolvimento do Turismo em Machadinho**

Na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, está localizada a usina Hidrelétrica de Machadinho. O eixo da barragem atravessa os municípios de Maximiliano de Almeida (RS) e Piratuba (SC). O início da obra foi datado em março de 1998, com previsão de cinco anos de edificação. A instalação de Hidrelétricas, é complexa, os critérios e necessidades para sua instalação somam-se aos aspectos socioambientais, conforme cada realidade dos locais atingidos.

No Brasil, durante a década de 70, foi intensificado o modelo de geração de energia a partir de grandes barragens, com o objetivo principal de gerar eletricidade para as indústrias de eletro-intensivas e para a crescente economia nacional. O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), anunciava que estas grandes obras iriam desalojar diversas pessoas de suas terras, “uma enorme massa de camponeses e trabalhadores perderiam as suas casas e seus trabalhos” (BOAMAR, 2003, p.45), que realmente foi o que veio a acontecer.

A MAESA- Machadinho Energética S.A, foi composta em sua totalidade pela CBA (Cia Brasileira de Alumínios), a CELESC (Centrais elétricas de Santa Catarina), DME (Departamento Municipal de Eletricidade de Poços de Caldas e minoritários. Os acionistas dessa empresa compartilhavam a concessão da UHE (Usina Hidrelétrica de Machadinho) com a Tractebel Energia S.A. Boamar (2003), aborda que dentro desses investimentos temos capitais de origem nacional, estrangeiros e estatais.

Em relação aos moradores atingidos, a área ocupada e o impacto social causado com a construção da UHE, Boamar (2003, p.56) afirma que:

A área inundada foi de 56,7 quilômetros quadrados em dez municípios, o número de propriedades atingidas foi de 1.266, três núcleos rurais foram remanejados, 87 metros de ponte e 97 quilômetros de estradas relocadas, a obra teve 4,2 milhões de metros cúbicos de escavação comum e 6,8 milhões de metros cúbicos em rocha, foram feitos 8,6 milhões de metros cúbicos de aterro e lançados 394,7 mil metros cúbicos de concreto, o comprimento da barragem na crista é de 694,6 metros e a altura máxima é de 126 metros.

Essas famílias que foram atingidas pela construção da barragem (1.197), tinham por direito a liberação de seu reassentamento antes do enchimento do reservatório. Porém no “Relatório de Distribuição das famílias”, encontra-se uma previsão atual de 2.299 famílias e um total de 2.196 famílias reassentadas. Na época, entende Boamar (2003), que o ressarcimento foi dividido pelos afetados da seguinte forma: A indenização em dinheiro (na qual 69,26% das famílias optaram), a indenização com reassentamento (14,70 %), Depósitos Judiciais (na qual 15,80% das famílias optaram) e com restrições (2,36% das famílias optaram).

Porém, eram previstas seis formas de reassentamentos na implantação da construção da UHE Machadinho. A indenização em dinheiro, o reassentamento Rural coletivo, os pequenos reassentamentos, a Carta de crédito/auto reassentamento, o Reassentamento em áreas remanescentes e os reassentamentos de Casos Especiais. Referente ao ressarcimento por meio da indenização em dinheiro, que foi um dos principais ressarcimentos optados pelos atingidos, Boamar (2003, p.59) afirma:

Foram realizadas pesquisas de preços das terras e benfeitorias, com a participação dos atingidos, na região de abrangência do reservatório da UHE Machadinho. A tabela de valores somente passou a valer somente depois que foi aprovada pelos atingidos. A indenização era total ou parcial, no primeiro caso se a propriedade foi inviabilizada e no segundo caso referente somente a parte da propriedade atingida. O pagamento do imóvel aconteceu contra a assinatura da escritura. A mata nativa da propriedade situada na área alagada não foi indenizada, mas pode ser comercializada com a autorização do

IBAMA, por todos os proprietários e posseiros, que detinham a posse mansa e pacífica das áreas atingidas pelo reservatório.

Aos atingidos pela barragem que optaram pelo ressarcimento em dinheiro, em sua maioria, optaram por este para continuar na cidade e não ir para longe de sua família, visto que, por se tratar de uma situação delicada, era o momento de ficar perto de seus familiares. Algo que mudou consideravelmente os costumes e hábitos dessas pessoas, pois teriam que se adaptar de alguma forma às novas experiências de vida. Entra nesse caso, um sentido de perda. Mesmo que tenha ocorrido um ressarcimento pelos danos causados, a realidade do morador foi afetada, seus costumes, seus hábitos, seus valores como cidadão, foram refeitos, reestruturados.

Nesse contexto da construção da barragem, tínhamos a forte pressão do MAB sobre os funcionários, essa pressão teve sim um certo êxito no início, fazendo com que um recuo acontecesse, pois a empresa de energia elétrica não possuía uma clara definição de sua estratégia (Boamar, 2003). A empresa, na época, não havia conseguido convencer a população sobre as vantagens advindas para região. Boamar (2003, p.50) cita outra divergência ocorrida:

Outro fato relevante observado nos depoimentos foi o longo tempo levado para cumprir os acordos firmados com os atingidos pelas barragens na Bacia do Rio Uruguai. Esta visão é compartilhada pela ETS – Engenharia Transporte e Saneamento SC Ltda, a empresa contratada pela MAESA para fazer a implantação do reservatório da UHE de Machadinho, conforme entrevista colocada anteriormente com um dos sócios da ETS, Pedro Paulo Voltolini Junior.

Algo interessante ressaltar dentro desse contexto é que este episódio não envolveu apenas famílias que foram diretamente atingidas, criando uma nova categoria, “os filhos da terra”, que eram pessoas carentes que não estavam dentro dessas áreas atingidas pelo reservatório da UHE Machadinho, mas foram incluídas através de pressões realizadas pelo MAB sobre o empreendedor.

A História dos atingidos por barragens no Brasil tem sido marcado por resistência na luta pela terra e a construção de uma proposta ideológica que contemple justiça no que diz respeito às indenizações, pois acompanhando as obras Hidrelétricas tem se observado que resta muitas vezes para os atingidos e para a população diretamente atingida “muito sofrimento, muita desesperança, muitas angústias, muito desrespeito e quando não o empobrecimento de muitos atingidos pela barragem” (BOAMAR, p.61, 2003).

Temos de modo geral, diversos problemas encontrados nesse contexto social e econômico, ocasionados pelas obras nessa região. Por outro lado, ocorreram após as obras alguns ganhos permanentes, como a compensação financeira por geração de energia elétrica e o Turismo. Este segundo é o que trataremos mais, pois se tornou uma grande segunda via econômica para o município através de um investimento da Prefeitura com a verba que foi destinada pela empresa MAESA, pelos danos causados ao município, que sempre teve sua economia baseado exclusivamente no setor agrícola. Porém, é interessante salientar que essas medidas foram formas de potencializar os impactos positivos e minimizar os impactos negativos de obras hidrelétricas de grande porte (BOAMAR, 2003).

Dessa verba destinada ao município de Machadinho, pela empresa MAESA, há um investimento por parte da Prefeitura, para iniciar a construção do parque de água termal. Esse processo de construção do parque foi marcado por muita luta social durante sua história, e tem um início um pouco conturbado. Laurindo Lopes, secretário de obras da construção do parque à época, afirma sobre a história da construção e o início do Turismo:

Há anos atrás, houve uma exploração de Petróleo e não achou óleo, achou a água. Essa água foi encontrada e o poço foi lacrado, pois ninguém tinha condição de mexer pois não havia condição de investimento na época. Anos depois houve um investimento da companhia MAESA, mas não na cidade, foi na construção da barragem que afetou milhares de moradores, o bairro mais afetado foi o bairro Coqueiro. Houve uma indenização para o município. Esse dinheiro ressarcido, foi feito uma reunião das autoridades da época que passou por muitos processos complexos para ver onde aplicar esse dinheiro. A maioria decidiu no investimento para furar esse poço e achar as águas para fazer um parque aquático. Isso foi iniciativa da prefeitura, com o dinheiro do ressarcimento. (LOPES, 2022.)

Dado esse acontecimento, de um início marcado primeiramente por um investimento de procura de petróleo pela empresa Petrobrás em 1972, e posteriormente pela construção da barragem pela empresa MAESA, em 1998, se inicia, em 2004 (ano da inauguração do parque) a gênese do desenvolvimento do Turismo na cidade de Machadinho, que está gerando um novo significado socioeconômico para o município.

## **2.2- O Turismo como uma Segunda via econômica na cidade de Machadinho RS**

O município se encontra na região Nordeste do estado do Rio Grande Do Sul. Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, a

população do município é de aproximadamente 5.649 habitantes, possuindo uma área territorial inferior a 334,5 km<sup>2</sup>. Em relação ao nível do mar, sua altitude é de 757 metros, com uma distância da Capital (Porto Alegre) em torno de 400 km, fazendo divisa com o estado de Santa Catarina. O clima territorial da cidade é temperado e úmido.



Figura 2- Mapa de localização de Machadinho. (Fonte: [www.googlemaps.com](http://www.googlemaps.com))

Referente à economia, a sua principal área é a agricultura, com estabelecimentos rurais na sua maioria de pequeno e médio porte. Os grãos cultivados são o trigo, o feijão, a soja e o milho, seguidos pelo cultivo e a industrialização da erva-mate. Mais de 90% dos produtores tem menos de 50 hectares e 54% dessa área é ocupada pela agricultura. Entre as culturas agrícolas de maior importância, destaca-se o cultivo da erva-mate, com uma produção equivalente a 34,4% comparado as outras. Afirma Dossa (2000, p.31):

Analisando-se a estrutura fundiária da amostra estudada de produtores de erva-mate do município de Machadinho, no Estado do Rio Grande do Sul, constatou-se que a área própria das propriedades rurais varia de 5,3 a 71 hectares, resultando numa média de 22,77 ha por propriedade. Nessa região, também é importante a participação de terras arrendadas de terceiros alcançando, em média, no caso dos produtores da amostra, 6,3 ha, ou seja, 21,7% da área média de 29 ha/produtor.

Além deste meio econômico principal que é a agricultura, o município de Machadinho conta com a pecuária com produção de gado de corte, leite, aves e suínos, e nos últimos 18 anos, também o município conta com crescente desenvolvimento turístico local, movido logo após a implantação da Usina Hidrelétrica de Machadinho no ano de 1998, que destinou recursos por ressarcimento aos danos ambientais causados pela própria Usina (BISCARO, 2017), colaborando com o governo do município para a

construção do Termas Machadinho. Com a construção do empreendimento, um movimento turístico permanente acaba se iniciando internamente.

A partir da abertura do Complexo de águas Termais com águas que vertem do solo a 45C° e com seu território localizado em 9.8000 m<sup>2</sup> houve um crescimento acelerado e um investimento público muito grande nas áreas turísticas da cidade, auxiliando no crescimento expansivo das estruturas do parque, contendo piscinas abertas, complexo de inverno, brinquedos e grandes empreendimentos (Rio Grande do Sul, 2019)



Figura 3- Parque de águas termais de Machadinho (Fonte: viagensecaminho.com)

A criação do parque abriu diversas oportunidades para a economia machadinhense desencadeando novos processos de criação de renda, empreendedorismos e recursos dentro das atividades turísticas. O turismo como uma segunda via econômica abria portas para um grande crescimento econômico abrindo novos postos de trabalho e geração de renda. Lacerda (2020, p.473), explica que:

Além do surgimento dos atrativos turísticos, outras mudanças foram percebidas no município, como é possível observar a partir do crescimento do Índice de desenvolvimento humano dos municípios (IDHM), utilizado para avaliar o bem-estar da população analisando indicadores como educação, esperança de vida, natalidade e economia dos municípios[...]. De 2000 a 2010 o IDHM de Machadinho obteve um crescimento de mais de 21%, passando de 0,571 para 0,692. A dimensão do IDHM que demonstrou maior crescimento foi a educação (45,7%) e a renda um crescimento de (19,69%) (Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2019).

Esse crescimento trouxe um aumento considerável também nos trabalhadores com sua carteira assinada. De 2000 para 2010, após este crescimento do Turismo, o número

de pessoas com carteira assinada duplicou, segundo o Ministério do Trabalho e emprego (Brasil, 2019), com um crescimento de 19,73% nas vagas de comércio e 68,11% nas vagas de serviço. Segundo Lacerda (2020, p. 475), “esses números evidenciam as mudanças ocorridas no município a partir de 2010 e demonstram o potencial do turismo para o desenvolvimento das destinações, a partir de um planejamento estruturado adequadamente”.

Temos aqui um crescimento econômico notável no potencial da cidade através do turismo, um cenário de diversos empreendedores levando investimentos para o município. Há também, durante o período de implantação do parque, a construção de pousadas, hotéis, estabelecimentos comerciais e o investimento público, este último, aparecendo através da infraestrutura das ruas, na iluminação pública e no embelezamento da cidade. Este quesito de investimento na infraestrutura está totalmente interligado com a metodologia da sustentabilidade, ou seja, através do investimento no turismo, a cidade obteve um crescimento tanto econômico (infraestrutura) através de maior investimento privado e público, quanto social (sustentável) também transformando hábitos, cotidiano, vestimentas e modo de vida da sociedade.

Diante deste cenário, a influência do Turismo na economia da cidade de Machadinho adquire um caráter mais perene, tendo em vista que, por se tratar de uma água quente, há a possibilidade de conseguir obter o mesmo fluxo de movimentação o ano inteiro.

Baseado neste crescimento econômico, toda a população é envolvida de alguma forma no sentido da geração de renda, de maneira que todos auxiliem para que o desenvolvimento econômico por meio do Turismo seja proveitoso, pois é através desse meio que serão gerados os rendimentos que serão fonte de sustento direta e indiretamente dos moradores, interligados conseqüentemente às melhorias locais.

Ao pensar na parte mais econômica, consideramos a ideia de Swarbrooke (2000, p.19) que exalta o “turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local”, ou seja, o já aqui citado Turismo Sustentável, que no sentido econômico funciona com um efeito multiplicador, tendo uma ideia de que o dinheiro que é arrecadado com os turistas circule pela cidade como um todo. Em relação a importância do Turismo na economia em geral, Cabugueira (2005, p. 99) afirma:

O adequado tratamento econômico do turismo exige conhecer detalhadamente os impactos econômicos derivados desta atividade, uma vez que os turistas gastam o seu dinheiro numa ampla variedade de bens e serviços. Este dinheiro é encarado como uma injeção de recursos, através do aumento da procura na economia local, a qual não existiria sem esta atividade.

Temos, na parte da economia, um forte impacto econômico gerado através da atividade do Turismo, mostrando um fluxo de movimento maior principalmente em cidades menores, como é o caso da cidade de Machadinho. “A criação de empregos e rendimentos é outro efeito importante da atividade turística” (CABUGUEIRA, 2005, p.97). Esses empregos podem ser diretos, indiretos ou induzidos, afirma o mesmo. Os diretos seriam os que procuram satisfazer diretamente os elementos turísticos, os visitantes, empregos na hotelaria que, na cidade de Machadinho, em temporadas movimentadas, chegam a um fluxo de 180 a 200 funcionários durante a alta temporada. O Serviço indireto seriam os serviços prestados aos hotéis, porém não com seus próprios funcionários, mas procurando satisfazer indiretamente as necessidades dos turistas.

Cabugueira (2005, p. 100) afirma que “as despesas turísticas têm um efeito cascata sobre a economia”, a partir de seu primeiro nível, que são as despesas dos turistas nos serviços de transportes, alojamento e restaurantes. São os efeitos diretos das atividades turísticas nos estabelecimentos que estão a sua disposição. Cabugueira explica (2005, p.100):

Parte deste valor sairá, imediatamente, do circuito econômico doméstico para cobrir as despesas com as importações de produtos e serviços front Une. Assim, os impactos diretos das despesas dos turistas tendem a ser inferiores ao volume destas, a não ser em casos (raros) em que as economias locais possuem a capacidade de produzir e satisfazer a totalidade das necessidades dos turistas.

Dentro deste contexto econômico e social, o que realmente quer dizer a “Ressignificação do espaço na cidade de Machadinho?”. Em toda e qualquer cidade, município, região, os objetivos são sempre, ou na maioria das vezes, a busca pela evolução. Esta pode ser por meio de diversos fatores sociais e/ou econômicos. Estes fatores, ligados a um estabelecimento específico, faz com que o ciclo econômico e consequentemente social mude de foco.

O que quero efetivamente dizer, é que a evolução de uma cidade, conta com os investimentos públicos e os investimentos privados e estão de alguma forma dependentes desses investimentos para seu crescimento econômico. Conforme esses investimentos são inseridos, a sociedade da própria cidade automaticamente vai se adaptando as novas redes

de comércio e lazer, tendo em vista uma mudança de espaço, um novo significado inserido por meio de demandas em busca de uma transformação social e econômica. É claro aqui, que espaço entra não só no sentido social e econômico, mas no sentido geográfico também, aliás, principalmente. Está tudo entrelaçado como um todo, com objetivo de melhorar, transformar e progredir indiretamente as condições de vida da população.

Sabemos hoje, que este processo ainda não foi finalizado na cidade de Machadinho, é um projeto em andamento, um “projeto estrutural” que tem por objetivo o crescimento econômico e geral do município, porém que envolve muitas questões culturais. É interessante mostrar como está acontecendo este processo, através de um fator primordial que é a construção do Parque termal da cidade e a construção do Resort que hoje administra este parque e como as estruturas que permeiam o local contribuem para o desenvolvimento socioeconômico da cidade.

Conceituando e separando estes dois importantes fatores. Como vimos, o parque foi construído através de um ressarcimento do estrago ocasionado pela barragem aos moradores de Machadinho, que utilizaram estes recursos para a construção do parque termal, visando beneficiar a população do município.

No início, como já visto - por volta dos anos 1972 - nessas terras, houve um investimento para encontrar petróleo, porém não obtiveram êxito, mas encontraram as águas termais de Machadinho, que era um recurso natural muito interessante, porém na época não haviam recursos para investir na construção de um parque. Anos depois (1998) houve a construção da barragem pela MAESA, atingindo milhares de moradores que habitavam na região de Machadinho (interior), muitas famílias tiveram suas terras desapropriadas, como sabemos. Esta empresa efetivou um ressarcimento aos danos causados e parte desse dinheiro foi para o município que, em conjunto, tomaram a decisão de construir um parque público que foi um grande marco para a sociedade. Após alguns anos de parque (2013), sócios anônimos resolveram investir em uma grande construção conjunta ao parque (privada), um grande Hotel, que levaria a um contrato de concessão para essa rede chamada Machadinho Thermas Resort Spa, que administrará o parque por 30 anos (dias atuais).

Tendo em vista que, o Resort, juntamente com o parque, dentro dessa lógica de espaço, a água termal (produto turístico) seria o núcleo do sistema socioeconômico esse

como consequência, os investimentos que anos depois do Turismo estar de certa forma estruturado, por volta de 2015, ocorreram em grande forma com a construção de novos hotéis em volta do parque, loteamentos, investimentos em construção de apartamentos, que possibilitam a criação de estruturas voltadas para economia do município através do Turismo.

Estes investimentos que estão situados ao redor do Parque, fazem com que aconteça uma movimentação de pessoas maior, um fluxo de pessoas movimentando esta região, e fazendo com que indiretamente aconteçam também uma movimentação econômica. Os pontos em questão, como cabanas, hotéis e pousadas, em que, muitas estão em processo de construção, serão abordadas a seguir:

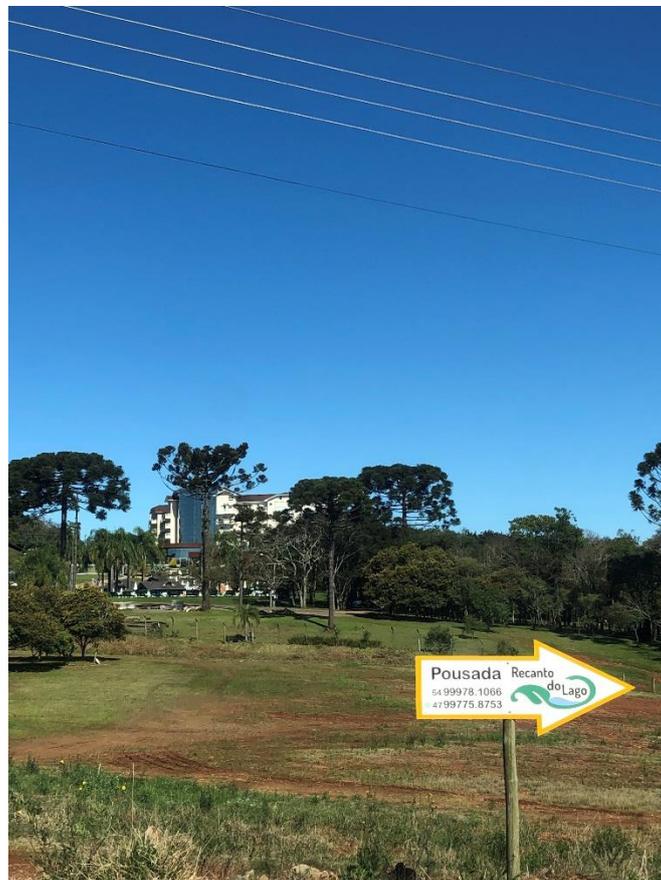


Figura 4- Placa pousada Recanto do Lago (Fonte: acervo do autor)

A imagem acima ilustra uma placa indicando este espaço que se constitui devido a construção do parque. É um dos exemplos do espaço sendo transformado, o parque e o Resort ao fundo da imagem, onde este processo de resignificação está em andamento.

Esta ilustração, traz a ideia fundamental, central da transformação do espaço no sentido geográfico. Se há um investimento, por parte do indivíduo, nesse espaço, também há de certa forma, a administração efetiva para obter lucro. Nesse sistema administrativo, é notável que, naturalmente, a população vai implantando a ideia de que um “novo centro” que está por vir. Consequentemente através desse modo de pensar, que passa pela “boca a boca” do povo, acaba que os próprios moradores da cidade com poder aquisitivo mais elevado, investem nesta área, em torno deste núcleo/ Parque.



Figura 5, 6- Imagem Pousada Recanto das Águas e Pousada Belas Águas  
(Fonte: acervo do autor)

As pousadas Belas Águas e Recanto das Águas também permeiam essa estrutura em volta do complexo. As “Cabanas” de Machadinho, também são de tamanha procura dos hóspedes em busca do produto turístico:



Figura 7, 8- “Cabanas do Jé” e “Cabanas MFK” (Fonte: acervo do autor)

O objetivo principal com estas demonstrações é mostrar como o processo de transformação está acontecendo na prática. Como vimos, as questões de desenvolvimento econômico estão ligadas a uma nova construção social do indivíduo, quanto mais essa atividade turística cresce, mais cresce as oportunidades para o trabalho nesta área, mudando cada vez mais e fomentando a ideia de crescimento econômico e desenvolvimento das atividades turísticas.

Temos diretamente ligado a essas estruturas, as termas, que com seu elemento diferenciador, seu produto - água termal -, único e competitivo, é capaz de valorizar os territórios e as experiências turísticas. Dito isso, vemos o núcleo, o motivo do início da mudança geográfica e o turismo como grande mediador dessa relação. Os turistas começam a vir para Machadinho para passar mais que um dia, em pacotes fechados de 5 ou 6 dias de hospedagem, por meio do oferecimento de entretenimento no Resort, e dos estabelecimentos em volta.

É interessante analisar esta visão de crescimento econômico através do desenvolvimento das atividades turísticas. Porém, não há motivos para esquecer dos primórdios desse processo, pelo qual houve um sentido enorme de perda cultural, desapropriação de terras e, de um início, um Turismo pensado para o morador de Machadinho.

Conforme foi sendo investido no Parque, de certo modo, os moradores da cidade foram cada vez mais se distanciando de um benefício que foi pensado e efetivado para os mesmos. Entendemos que era um dos tipos de ressarcimento transferidos pela empresa

MAESA, a fim de compensar os moradores afetados, e principalmente ao município. Porém, no decorrer do tempo, com as decisões que foram tomadas, ficou cada vez menos acessível ao morador do município.

Há uma questão que envolve o próprio objetivo da construção do Parque, que era para ser um benefício para o morador de Machadinho. Critica Lopes (2022):

O povo se revoltou na época, pois aquele dinheiro foi Ressarcido pela empresa MAESA, e o investimento da prefeitura foi na construção do parque para o lazer do povo de Machadinho, na época houve muita luta para que os moradores do município que quisessem ir ao parque não tivessem custo nenhum, pois era algo que deveria ser benefício do povo, porém a cada ano que passa fica menos acessível, no sentido financeiro, dos moradores do município desfrutar deste benefício, pois o valor é muito alto, mirando principalmente no cliente externo.

O que enfatizo, é que mesmo com esse desenvolvimento econômico citado e com todas as transformações sociais que acontecem através do desenvolvimento do Turismo em Machadinho, ocorre que, toda a luta para que os moradores desfrutassem do benefício, cai no esquecimento, com o passar do tempo, “[...] por meio de um contrato de concessão público/privado que desenvolve um projeto de desenvolvimento do Turismo baseado na sua maioria em crescimento econômico, e acaba esquecendo do próprio morador da cidade, que era pra ser o foco desse benefício.” (LOPES, 2022).

### **2.3- As transformações sociais na cidade de machadinho e uma breve comparação com o turismo em Piratuba/SC**

O município passou por grandes transformações desde a construção do Parque das Águas Termais. Como vimos, diversos empreendedores notaram o potencial da cidade, levando investimentos para o município. Foram construídas pousadas, hotéis, estabelecimentos comerciais, e ocorreu uma visível melhora na infraestrutura do município.

Como já apresentado, em uma cidade com a ideologia voltada para o trabalho agrícola, é inserido um centro de lazer, que mesmo sendo um centro de entretenimento, acaba fornecendo para a cidade e afins, outras possibilidades de trabalho. O que se

conecta com esse contexto de trabalho, é a renda. Machadinho entrou em processo de transformação através de um projeto de lazer, porém, já vimos que não apenas com a finalidade do lazer no seu sentido simples, mas com potencial de gerar renda e empregos. É algo que está envolvendo um projeto de extensa infraestrutura. A geração de renda (ou lucro, dependendo do caso) legitima a nova significação do lugar.

Através desse quesito, entra a própria ressignificação da identidade, por exemplo: os trabalhadores do complexo geral do Parque, na maioria dos casos, eram acostumados com o meio rural, logo, com uma certa identidade de agricultores e agricultoras. Esses trabalhadores, essa identidade, passa a ser conjugada com os empregados que vem de outras cidades com certas bagagens de experiência, pois “As identidades não são essências desencarnadas, mas teias complexas de relações materiais e desejos” (MENDES, 2002, p.523).

Ocorre, através da demanda de trabalho, um certo crescimento na urbanização, pois tendo em vista que o complexo fica próximo ao município, faz com que esse trabalhador rural passe a, indiretamente, desenvolver novos hábitos, voltados a uma possível “nova identidade”, no momento em que seu espaço está se modificando. Notamos que durante o processo de desenvolvimento da cidade, a identidade da sociedade que tem contato com o Parque, acaba mudando desde o modo comportamental, até o modo de se vestir.

O modo de se vestir é explicado através das pessoas que saem da zona rural e passam a morar na cidade para trabalhar no complexo, visto que há uma necessidade, por interesse da empresa, de apresentação pessoal referente a uniformização. Cita Lopes, sobre essa transformação social:

Eu, as vezes fico admirado de ver, pois uma grande parte das pessoas que trabalham lá é gente da agricultura. É gente sem experiência e sem um linguajar formal para trabalhar na área que desenvolvem essa aptidão lá dentro, isso houve uma mudança bem grande na sociedade. Me admira ver esse “povo do mato” que entra lá (hotel) para trabalhar e acabam até crescendo dentro da empresa. (Lopes, 2022)

A comunicação é algo importante para a área turística, desenvolver as falas em um padrão receptivo é um elemento essencial para as relações com os novos hóspedes. Como esse processo é algo em andamento no município é interessante trazer um comparativo para exemplificar alguns possíveis resultados perante a essa transformação

que ocorre nos dias atuais na cidade. Essa transformação ocorreu em um mesmo sentido na cidade de Piratuba em Santa Catarina, que hoje é uma cidade referência no fomento do Turismo, sendo conhecida como principal polo turístico do Oeste de Santa Catarina.

A história de Piratuba iniciou, “oficialmente” em 1910 (tendo em vista que já havia tempos atrás indígenas, e caboclos), quando a estrada São Paulo - Rio Grande do Sul foi construída. A empresa responsável pela obra, a Brasil Railway Company, instalou um acampamento para seus operários nas margens do Rio do Peixe, onde o centro desse acampamento se chamava “Vila do Rio do Peixe”. Em 18 de fevereiro de 1949 houve a emancipação.

O Turismo em Piratuba iniciou sua história em 1964 e não por acaso teve seu início muito similar ao de Machadinho, pois nesse ano “A empresa Petrobrás a procura de poços de petróleo nessa região acaba encontrando um lençol de águas termais, a 674 metros de profundidade, marcando um tempo depois o Turismo como principal atividade econômica de Piratuba” (SOUZA, 2003, p.28).

O município se tornou um grande atrativo de imigrantes, antes ainda do Turismo, pela abundância de peixes em sua região. Até encontrarem a água termal, sua principal atividade econômica era o setor agrícola, com a produção de milho, tomate, feijão, uvas e também da pecuária (SOUZA, 2003).

O que destaco, nos dias atuais, é que segundo o censo demográfico publicado pelo IBGE em 2000, Piratuba possui em torno de 5802 habitantes, sendo que a população em algumas épocas do ano chega a crescer mais de 300%, ou seja, o fluxo de pessoas é enorme, mesmo sendo uma cidade com uma média de 5000 habitantes.

O turismo como um todo acaba desenvolvendo este fluxo intenso econômico, mesmo em uma cidade com poucos habitantes, como também é o caso de Machadinho, que teve seu processo de investimento no Turismo, anos depois que Piratuba. A relação principal que venho a destacar é que, em Piratuba, as águas termais foram encontradas em torno de 10 anos antes que na cidade de Machadinho (encontradas em 1972), ou seja, três anos após terem encontrado as águas em Machadinho, Piratuba já inaugurava o “Parque Termal Piratuba” (1975), que marcava sua entrada na rota dos principais destinos turísticos do sul do Brasil e que, nos dias atuais, recebe em torno de 450 mil turistas por ano, segundo a Prefeitura Municipal de Piratuba.

Assim, se em 1964, em Piratuba, houve a busca por petróleo pela empresa Petrobrás, já em 1969 a Assembleia Legislativa do Estado, aceitou a solicitação municipal instituindo Piratuba como estância hidromineral e, em 1975, o poder público constituiu a Companhia Hidromineral, o Parque Termal Piratuba. Esse processo, como vimos, em Machadinho, teve uma demora maior para se desenvolver devido à falta de verba. Visto que, em 1972, foi encontrada a água termal e o Parque de Águas Termais de Machadinho só foi inaugurado em 2004, como sabemos, foi uma iniciativa da Prefeitura com o capital ressarcido das construções da barragem.

O interessante é que em ambos processos de iniciativa para encontrar o “ouro negro”, tanto em Piratuba, quanto em Machadinho, o óleo não foi encontrado. Porém, em torno de 600 metros de profundidade, o ouro encontrado (águas termais), transformou a história das duas cidades, e da região.

Para fins de comparação, Piratuba iniciou seu desenvolvimento turístico em torno de 25 anos antes de Machadinho, visto que, antes dessas atividades, a agricultura era sua principal fonte de economia. Os primeiros anos do Turismo em Piratuba, foram de segunda via econômica, até passar a ser uma cidade em que o Turismo é a base econômica do município.

Dito isso, para entendermos como Piratuba tem seu processo turístico desenvolvido, necessitamos compreender mais suas estruturas. A Companhia Hidromineral é o carro chefe do Turismo da cidade, dispõe uma estrutura que atende crianças, jovens, adultos e idosos. O produto termal da cidade é o mesmo que da cidade de Machadinho, a água termal.

O município conta com cerca de 2.500 leitos, distribuídos em uma rede com mais de 10 hotéis, pousadas, casas de veraneio e apartamentos. Há um grande centro de eventos, que é conhecido por ser uma opção de Turismo de Negócios e eventos na cidade. Um ponto interessante é a questão da logística, sendo que, como a maioria das redes hoteleiras ficam no centro da cidade, e, de certa forma, perto uma da outra, facilita a inserção do comércio local, pois o fluxo de hóspedes é grande em torno destes comércios.

Baseado nesse crescimento, nesse desenvolvimento que ocorreu em Piratuba através do Turismo, temos alguns comparativos no que diz respeito ao início das atividades turísticas e pontos a se diferenciar entre aquela cidade e Machadinho no âmbito da logística do Turismo:

Machadinho tem uma dificuldade, diferente de Piratuba, que talvez seja a principal forma de haver dúvidas de êxito em seu processo de desenvolvimento. Essa dificuldade é o acesso da chegada até a cidade. Piratuba tem acesso a asfalto por várias estradas, em Machadinho, nós só temos uma única estrada que é asfaltada, a ERS 208, por Maximiliano de Almeida. As divisas com SC, são voltadas por rios, que até chegar na balsa é estrada de chão, que da mesma forma, traz a mesma dificuldade de acesso pelo turista interessado em conhecer a cidade. O detalhe desse problema é que as estradas de chão são muito ruins, péssimas, os motoristas de ônibus que vem uma vez ficam receosos de voltar outra vez. Eu tive um hotel na cidade, há tempos atrás, e a reclamação dos hóspedes eram sempre relacionadas ao acesso, diziam que o povo era muito receptivo, mas o acesso era um ponto a melhorar. (LOPES, 2022)

Então, baseado nessa forma com que o Turismo se expandiu e se desenvolveu em Piratuba ocorrerá o mesmo com o Turismo em Machadinho haja vista o interesse dos turistas pelas águas termais? Simplesmente não dá para saber, o que quero dizer com essa comparação é que os processos de ressignificação, de transformação, eles estão ocorrendo/ocorreram de maneira similar, porém em Piratuba foi de um jeito específico, em Machadinho é um processo que está em andamento. A conjuntura é diferente, os tempos são outros, as características socioculturais são diferentes, a própria geografia é diferente, uma vez que em Piratuba o Parque não é tão retirado da cidade, como em Machadinho que o parque fica a 1,5 km de distância do centro atual, trazendo uma ideia de ressignificação de espaço geográfico também.

## CONCLUSÃO

O Turismo em Machadinho, está trazendo e trouxe, muitas mudanças para auxiliar no desenvolvimento da cidade. O objetivo, no seu âmbito geral, era entender como essas mudanças sociais e econômicas estão acontecendo no município em relação ao Turismo. O turismo como segunda via econômica traz um novo significado para o morador, uma “transformação presente”, que ocorre no cotidiano do morador que é inserido nesse contexto de lazer. É notável uma mudança de modo de vestir, de comportamento, de linguagem, e até mesmo de modo de vida.

Machadinho, é um dos tantos municípios que trazem o dilema do Turismo, de crescimento econômico, mas desvalorização do morador, do esquecimento social de um povo que foi afetado diretamente por uma grande instalação como a da Usina Hidrelétrica de Machadinho, visando o lucro e caindo de alguma forma no esquecimento de um povo em que sua maioria, acabou tendo que viver em outra realidade, não a qual estava acostumado.

Essas mudanças foram o ponto principal aqui tratado, as análises bibliográficas indicam em sua maioria, um grande desenvolvimento econômico e social, voltado para o funcionamento de um Turismo Sustentável e seus benefícios para o município, seus ganhos, o enriquecimento dos investidores do grande hotel, o lucro dos empreendedores que montaram seus negócios em volta do Parque. Entretanto, ao entrevistar um morador que acompanhou ativamente os processos desde o início, este nos oferece uma perspectiva de análise que foi fundamental para fazer o contraponto e tratar de alguns pontos. De acordo com ele, o morador perdeu sua voz, e foi aliado deste espaço que foi concebido, em sua origem, em benefício do povo, uma vez que originário de um ressarcimento por danos socioambientais advindos da construção da Usina.

Um município, que tem uma segunda via econômica tão sólida e que vem se desenvolvendo fortemente no decorrer do tempo, traz consigo essa consequência de mudança social, inevitavelmente. Notamos que se cria indícios de um novo centro, o município está se movimentando geograficamente através de investidores internos e externos, que modificam a cidade e aceleram esse processo de desenvolvimento das atividades turísticas.

No que se refere às fontes, houve dificuldade de encontrar material em jornais da época, visto que em Machadinho não há um espaço de memória, um arquivo histórico, o que é algo importante para salvaguardar os documentos que servem de registro para entender os processos que ocorreram no município, tal como o tema do presente trabalho. Ao analisar esta temática é possível perceber que há uma grande possibilidade de pesquisa, para adentrar este assunto futuramente, aprofundar a metodologia na parte da História Oral, visando obter mais informações dos moradores em relação ao início da construção das termas, bem, como a solicitação de consulta aos documentos da administração da Prefeitura Municipal, o que não foi realizado neste momento devido à falta de tempo.

A cidade, como vimos, está em constante e profunda transformação sendo um espaço, um lugar de memória e um lugar de construção de memória. Ela é também, lugar de reafirmação de laços de pertencimento, de identificação de seus moradores com a cidade.

Entendo que, o Turismo de modo geral, como uma segunda via econômica em Machadinho RS, está trazendo e trouxe grandes transformações e novos significados para a sociedade, as atividades turísticas estão em crescimento e juntamente com elas, o espaço, como vimos, traz uma nova ideia.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Adriana Silva. **O ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço (MG):** de estância hidromineral a destino de lazer e bem-estar. Dissertação de Mestrado em Geografia: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **A História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 1983.

BENI, Mário. **Análise estrutural do Turismo**. 14º ed. São Paulo: Senac, 1999.

BENI, M. C. Saturação e Rejeição ao Turismo nas Destinações Turísticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, 14 (2), 1 - 8, maio/ago, São Paulo: Aleph, 2020.

BENI, M. C. Política e planejamento estratégico no desenvolvimento sustentável do turismo. **Turismo em Análise**, 17(1), 5-22. São Paulo: Aleph, 2006.

BISCARO, Marci Santolin. **A herança material e imaterial: o legado intocável de Frei Teófilo Antoniazzi a partir de relatos da sua trajetória percorrida no município de Machadinho/RS**. Monografia Licenciatura em História. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Erechim, 2017.

BOAMAR Paulo Fernando de Azambuja. **A Implantação de Empreendimentos Hidroelétricos: O caso da UHE de Machadinho (RS)**. Florianópolis, 2003.

BURKE, Peter. A invenção do Lazer no Início da Europa moderna: Passado e presente. **Licere: Revista de programa de Pós graduação Interdisciplinar em Estudos de lazer**. v. 146, n.1, 1995, p 174-191.

CABUGUEIRA, Artur. **A importância Econômica do Turismo**. Artigos científicos, v.2, 97-104, RT&D: Universidade de Trás- os-montes e Alto Douro, 2005.

CRUZ, R.C. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto: 2000.

COSTA, Maria Augusta. O Turismo enquanto Espaço de Análise Geográfica: três perspectivas de abordagem. **Mercator- Revista de Geografia da UFC**, n.6, 2004.

DORIN, B. Turismo Sustentável e suas formas: uma abordagem teórica. **Anais da faculdade de Economia**, 1 (1), 759-767, 2013.

DOSSA, Derli. **Estrutura produtiva e renda da erva-mate no município de Machadinho**. Ed Perspectiva: Erechim, 2000.

ENDRES Ana Valéria. **As Políticas de Turismo e os novos arranjos institucionais na Paraíba**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

Entrevista realizada por Pedro Henrique de Lima Costa com o senhor Laurindo Lopes, em sua residência, nas datas de 15 e 17 do mês 09 de 2022.

FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: história e política. **Projeto História**, n. 12, Revista da Pós-Graduação em História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, 1995.

FONSECA, M. A. **Espaço, Políticas de Turismo e Competitividade**. Natal: EdUFRN, 2005.

FRATUCCI, A. C. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**. Tese (Doutorado em

- Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, 2008.
- HALLAL, Dalila Rosa. **O Curso de Turismo da PUCRS: A trajetória dos seus 38 anos de existência do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)**. Porto Alegre, 2010. Tese de Doutorado- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ PUCRS.
- IBGE. (2017). Cidades. Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/machadinho/historico>.
- LACERDA, Teixeira De Luana; MECCA, Marlei Salette. Sustentabilidade social do turismo no município de Machadinho-RS. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 9, n. 3, São Paulo: Clarivate, 2020.
- LAFARGUE, P. **O direito a preguiça**. São Paulo: Claridade, 2003.
- LEITE, Eanne. **Mobilidades e turismo urbano: estudo sobre o legado étnico da comunidade coreana no Bom Retiro (São Paulo / Brasil)**. Dissertação: Mestrado em Ciências, São Paulo: USP, 2020.
- MARANHÃO, Christiano Henrique Da Silva. A trajetória Histórica da institucionalização do Turismo no Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista de Turismo Contemporâneo- RTC**, Natal, v.5, n. 2, p 238-259, jul/dez. 2017.
- MASO, Marines F. **Machadinho Sua História e Religiosidade**. Tapejara: Universal, 2015.
- MARX, K. **O Capital**, Livro 1, vol.1. 30ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MELO, Victor Andrade de. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 5–26, 2010.
- OLIVEIRA, Ernesto. **Apontamentos sobre museologia, Museus Etnográficos**. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos de Antropologia Cultural: Lisboa, 1971.
- OLIVEIRA, Ubiratan Alves de; LIMA, Ervino José de. **Um pouco da história de Nossa Querida Terra: Machadinho**. São Paulo, IMPLA, 1978.
- QUINTELA, M. M. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **Manguinhos**, vol. 11, (suplemento 1): 239-60, 2004.
- SILVA, J. A. S. **Turismo, Crescimento e Desenvolvimento: uma análise urbano - regional baseada em cluster**. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- SMITH, M. K. & Puczkó, L. Balneology and health tourism. In: Smith, MK & Puczkó, L (ed.). **The Routledge handbook of health tourism**, Abingdon: Routledge, p. 271-282, 2017.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.